

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Chico Tchello

Quem é?

Chico Tchello é um agitador cultural, fotógrafo, dj e programador. Há anos sua paixão pela música e seu esforço em compartilhá-la nos espaços públicos paulistanos provoca reações diversas nas pessoas que encontra com sua caixa de som, apelidada de Chana. O projeto iniciado de forma espontânea, hoje provoca reflexões acerca da relação entre a música e o uso dos espaços públicos, utilizando-a como mecanismo de confraternização e de ocupação da cidade.

Responsáveis Pelo Entrevista

Jaime Solares Carmona e Mari Kimie Nito, acervo Repep, 29 de outubro de 2016.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Jaime: Aqui é o Jaime, sou voluntário da RPEP no eixo LGBT, vou fazer uma entrevista com o Chico Tchello. Estão presentes o PH, do eixo Arte Urbana, a Mari e o Carlos, que é o namorado do Chico.

Jaime: Chico, você pode autorizar a gravação desta entrevista?

Chico: Sim, sim! Está autorizado, por favor. Eu sou o Chico Tchello, tenho 37 anos... Sou.. Um agitador cultural? Não sei! Até hoje tenho um problema com definições. Enfim, tenho participado... tenho convivido em espaços públicos há muitos anos e estou aqui para poder compartilhar as impressões que vocês precisam.

Mari: Queria que você falasse primeiro da sua relação com a música: como começou?

Chico: Tá, música. Eu nasci aqui na Barra Funda, e é um bairro... Nasci atrás de uma escola de samba muito conhecida chamada Camisa Verde e Branca; inclusive uma das escolas mais tradicionais do carnaval aqui de São Paulo. Estou comentando isso porque como eu nasci bem atrás da escola, bem próximo a escola - minha mãe já foi costureira da escola e tudo mais - minha ligação com a música começou com isso: eu via muito os ensaios, ouvia muito. Adoro percussão! A música percussiva, meu gosto, predileção por percussão em vários ritmos vem da escola de samba. Mas na época, isso... Eu tenho 37, nos anos 80 eu convivia também com a música POP que era muito difundida em rádios e na época de Clip Trip, MTV, bem início da MTV e Rock'n Roll. Então essas misturas todas começam o meu entendimento de música, buscar sobre música e tal, vem como ouvinte; nunca fui músico e nem tive interesse em produção de música, né? Era mais o som. A Partir dos anos 90 eu comecei a curtir o início da cena da música eletrônica aqui em São Paulo; todas as casas noturnas que vocês possam imaginar dos anos 90 de SoundFactory, de Hell's Club... antes de 'A Lôca, Samantha Santa'... Enfim, Club Alien... Festas que aconteciam na Augusta, Casarão da Paulista, antes do Mercado Mundo Mix, toda essa coisa da música eletrônica em paralelo às boates propriamente ditas LGBT. Enfim, Blue Space, todas essas...Danger; enfim, eram os dois eixos de curtição que eu gostava nos anos:

música eletrônica, que não era necessariamente LGBT, mas se mistura, era uma coisa específica, e as boates que era o início da vida... Sexualidade, curtidão: 'vou sair, vou para a boate'.

Mari: Legal! e essa relação da música no espaço público, né?

Chico: É, aí isso é uma coisa muito louca porque... eu estou comentando sobre os anos 90, fazendo um retrospecto da coisa da música, porque nos anos 90 eu tinha um lado muito baladeiro, de quinta a domingo, mas hoje eu reconheço que aquele perfil e aquele modelo de espaço que eu curtia, que era a casa noturna, era muito hostil... Era muito hostil, assim, a ponto de que as relações dentro desses lugares era uma relação em torno das drogas, do uso de drogas, né? em torno do reforçar preconceitos dentro da boate... A boate é um lugar muito hostil, né? para os gays em geral, para os homossexuais porque você tem N questões que são mal resolvidas e coletivas. Como se você ver, você pega um show de Drags's hoje em dia é muito legal, mas o tempo inteiro ela está falando sobre o gordo, sobre a bicha passiva... e tem o machismo homofóbico, e fala sobre a pessoa... A bicha pobre. Mesmo com a questão do humor, eu via esses shows e não curtia muito... Mas não só eles, essa relação em torno da droga, essas disputas, a amizade efêmera, sempre ligada a um interesse. Eu percebi que isso não é uma coisa do modelo LGBT, isso é uma coisa do espaço privado segregador em geral, né? Mas até cair essa ficha eu parei de sair à noite, porque todas as casas noturnas que eu frequentava passaram a me irritar a tal ponto de achar que eram ambientes hostis, padronizados, onde você tem um comportamento que é massificado, todo mundo tem que corresponder àquelas expectativas de estética, de comportamento, de vestuário... Se você não corresponder a isso, você é meio execrado do grupo, é o estranho, é uma pessoa tal. E aí, isso é muito legal, porque hoje em dia a gente já reverteu isso - 'thanks God' - tem N eventos e lugares onde o diferente é ser legal, então cada um vai de um jeito, a questão da moda já extrapolou essa questão da massa nas festas que estão acontecendo em muitos lugares; mas na época não, na época era isso e era muito hostil, então eu parei de sair à noite. Esse parar de sair à noite é também é uma relação com a droga... eu tenho que, para suportar esse ambiente, preciso estar trincando, chapado, bêbado e tal, essas coisas fizeram eu sair da noite, romper com a noite; não queria mais tocar à noite...e fui para o dia, fui trabalhar, continuar a minha vida fora do entretenimento noturno, da música vinculada a noite, foi quando em uma empresa... passei a trabalhar de madrugada, então inverter essa coisa de sair à noite, passei a trabalhar a noite e passar o dia em casa e com o passar dos anos, eu estava numa folga de segunda-feira nessa empresa que eu trabalhei há uns 10 anos atrás, e na Santa Ifigênia eu vi uma caixa de som amplificada com uma alça numa parede, e aquilo me chamou a atenção. Eu olhei e falei: 'nossa, uma caixa com uma alça, dá para a pessoa colocar no corpo e andar tocando'; perguntei para o vendedor e ele disse: 'é isso mesmo, muitas pessoas estão vendendo coisas na rua e querem falar com o microfone ou artistas de rua querem e usam', eu falei: '- Ah, que legal! mas tem entrada p10 ou da para por um mp3?', ele disse: '- não, tem entrada mp3', '- Nossa! eu vou levar! quero isso daí'. Era segunda-feira e eu tinha um pen drive, como fiquei trabalhando de madrugada por muitos anos numa empresa de T.I, e eu era plantonista, então não tinha muita coisa para fazer... só ficava acompanhando servidor, abria chamados de servidores que caíam uma vez ou outra... esse tempo ocioso numa internet de empresa de T.I com super banda larga e acesso a tudo, comecei a baixar música e pesquisar música. Então como eu tinha parado de sair a noite, e a noite também essas tribos te deixam quadrado, quando eu rompi com isso eu falei:

‘não, peraí, e aquele samba que eu gostava quando eu era criança, e a música popular brasileira, quem é Maria Bethânia? quem é? o que é o Maracatu? o que é o Lundu?’ e comecei a pesquisar, ouvir, ouvir e falei: ‘nossa! Que legal! isso é legal!’ e fui fazendo acervo em vários ritmos, não só de música brasileira, música latina, africana, todos os ritmos que surgiram nos Estados Unidos que depois vira o ‘boom’ da música. Comecei a pesquisar e a perceber semelhanças entre os ritmos, né? e você vai caçar e descobre que o ritmo teve origem em outro lugar e às vezes você pega lá a ‘guitarrada paraense’ e parece a música do equador também, que parece... e falei: ‘uau! extrapola fronteiras, a música é universal’, comecei a ouvir e a colecionar. Com esses pen drives, estava com um deles no dia comprando essa caixa, na hora eu coloquei e falei: ‘meu, eu vou ligar isso daqui’ e sai andando na rua, e terminei o trajeto da Santa Ifigênia até o final, até o Ipiranga, achando que alguém ia tacar uma pedra falando: ‘mano, que ‘doidice’ é essa? desliga essa porcaria!’; mas não, começaram a elogiar a playlist que estava rolando que era música brasileira. Parei no Anhangabaú, daí do Anhangabaú falei: ‘quer saber? vou continuar!’ e fui continuando e nisso eu não parei nunca mais...assim. Eu descobri que em todas as minhas folgas eu poderia estar com essa caixa porque ela trazia pessoas para perto de mim, aproximava as pessoas e as pessoas queriam ouvir aquele som, falei: ‘Ah! então tem uma relação aí interessante, né?’ as vezes eu pagava 100 reais ou o equivalente a 100 reais para ir num rolê, numa casa noturna de madrugada aonde o povo, as pessoas frequentadoras estavam com a cara de poucos amigos, saía de manhã e voltava para casa arrependido de ter gastado uma puta grana e não ter feito um amigo no rolê e aquilo de graça, andando com a caixa na rua, ‘mó’ galera começou a juntar e falei: ‘nossa! É muito mais fácil você fazer amizade e compartilhar música, né?’ e comecei a me tocar que a música tem esse papel. A origem da música, ela surge no espaço público, no espaço privado veio depois. Então a música, ancestralmente, era um elemento de confraternização, aproximação e convívio, né? Ta aí os coretos. Não é tão longe assim.. não é tão primitivo. tem as fanfarras, as bandinhas, a procissão era tudo na praça. E de repente isso se perdeu, a gente já nasce numa geração onde a música é refém do espaço privado que se sente incomodado com o convívio no espaço público, é isso daí. Quando eu vi que na rua era muito mais legal do que a casa noturna, eu falei: ‘nossa! É o oposto, meu! A casa noturna privada é um espaço privado.

Mari: Em que ano foi isso?

Chico: Tem uns 3 anos agora, para 4.

PH: E essa experiência quer dizer que nasceu por acaso da rua?

Chico: Nasceu por acaso, não foi um projeto, não foi nada. Porque tudo isso que estou falando agora eu fui pegando, pescando aos poucos. Eu não sabia o que estava acontecendo. Eu sabia que eu queria sair com uma caixa de som, e quando você sai com uma caixa de som na rua claro que você vai ter ‘n’ devolutivas de tudo quanto é tipo; tem pessoas que vão reclamar, tem pessoas que vão... a maioria vão achar legal, tem pessoas que vão falar: ‘Nossa! mas você já percebeu que isso que você está fazendo...?’, e eu falei: ‘Nossa! legal, né? realmente, vou pesquisar sobre isso, e as coisas foram surgindo, né?’

Mari: Qual era a sua percepção de cidade quando você começou a levar a caixa de som para os espaços públicos?

Chico: É! eu já tive, já tive uma experiência de olhar a cidade, eu fiz edificações, né? Foi o meu primeiro curso técnico na Fatec, na ETESP, há muitos anos. Então eu já tinha uma

informação sobre o espaço, né? e a coisa mais voltada para construção mesmo, e desde muito jovem eu já gostava da cidade, de coisas relacionadas à cidade; então eu já gostava de arquitetura, já entendia um pouco sobre a história da cidade de São Paulo, do desenvolvimento urbano e tal, mas nunca dessa relação humana, da relação humana que eu digo de convívio e tal; era mais do genérico que a arquitetura passa, né? Então eu gostava, gostava daqui, de saber sobre o elevador, de saber a história do elevador, como surgiu o bairro em que eu nasci, os prédios icônicos da cidade, os pontos turísticos, já era uma coisa que eu gostava; e eu fiz fotografia, né? e a fotografia também, estou há mais de 10 anos fotografando a cidade. Eu como fotógrafo também, o olha a rua já rolou desde muito cedo.

PH: Eu vi o teu texto do cinquenta tons de bege..

Chico: Cinquenta tons de Bege!

PH: E eu falei: 'não é possível que esse cara não manje nada de arquitetura!'

Chico: Muita coisa alí ligada. É... eu, porra! Na cidade de São Paulo, ela tem duas perspectivas para o olhar, né? a perspectiva boa e a ruim. A perspectiva boa é um mosaico de coisas, e isso é muito legal, o caos é legal também porque o caos produz, né? A mistura elétrica gera muita coisa legal, mas por um outro lado é muito individualista, né? O desenvolvimento da cidade é muito individualista, uma série de interesses que são de pessoas que tem muita grana e tem construtoras vinculadas ao poder público, né? então eles vão ditando como devem ser, como as construções devem ser na cidade e como elas se distribuem no espaço. Então você vê essas paredes de prédios assim, um colado no outro na frente de uma praça onde prédios desses são caríssimos, na época mais caros ainda e não se pensar no isolamento acústico, eu acho que é uma tragédia né, gente? porra... podia ter se pensado no isolamento acústico deles na época da concepção do projeto, porque tá um grudado do lado do outro, não é nem uma questão da praça, é uma questão de apartamentos ali... e não, né? não tem. E por que que não foi pensado? por que que não foi pensado? Por que as construtoras de cada um desses edifícios... o que os arquitetos pensaram, né? o que eles...?

Jaime: Ah! Acho que é meio... que cidade eles imaginam quando constroem isso?

Chico: Que cidade eles imaginam quando constroem isso!

Jaime: Porquê...

Chico: Hoje a gente tá vivendo, né? Um conflito de pessoas que... alguns moradores que observam esses empreendimentos que estão surgindo na Augusta com área comum... que eles não têm, e eles projetando na praça Roosevelt, a minha área comum como praça Roosevelt: 'eu não quero vocês aí, sumam!', né? A gente tá vivendo isso agora. Então por que isso acontece? Então minha relação com a cidade é também visual, tem uma questão com o espaço

Mari: Quando você leva a caixa de som pro espaço público você, de certa forma, está projetando um desejo de cidade diferente quando você faz essas ocupações, né?

Chico: Sim...

Mari: A mesma coisa, o que o arquiteto queria e o que você está querendo também...

Chico: Olha, que legal! não havia pensado dessa maneira!

Mari: Quando você falou isso eu pensei que talvez seja uma maneira, outra realização

Chico: Que maneira! não pensei... é verdade! Eu comecei... Quando eu comecei a andar com a caixa, a primeira coisa que eu tive uma preocupação era com conflito. Então eu me perguntei durante muito tempo: 'nossa, será que estar com um som?'... os japoneses nos trouxeram a cultura do fone de ouvido que é você trazer a privacidade da música para a rua, que é oposta àquela música que era coletiva... então você traz a música para o fone de ouvido. Quem não está ouvindo no fone de ouvido? Quem está amplificando essa música e querendo que as pessoas estejam em volta ouvindo, está incomodando quem? como? Em qual situação? Se eu ligar a caixa ali na escada voltada para a janela do prédio eu tô incomodando? E tem duas perspectivas, tem a de quem está dentro do imóvel, que a ela está incomodando porque pode-se querer um outro áudio...o da TV; mas se eu fizer o ato de virar a caixa ou de trazê-la para o meio da praça, deslocar ela de uma maneira que não entre lá, então eu tô incomodando? não estou mais? Então o que mudou aí? mudou só uma relação de diálogo com a pessoa que está lá, e aí a gente entra num consenso e muda, tira do local. Então essas coisas foram construídas aos poucos. Eu andei na rua durante esses anos e só três pessoas me pararam para falar que estava incomodando; na rua, não dentro dos locais privados. E... então, nitidamente eu percebo que a maioria não entende que estar num espaço público ouvindo música é um incômodo, né? Ela pode ser um convívio também. Mas não é uma imposição, não pode ser uma imposição. Eu vejo muitos eventos que rolam na rua que eles trazem isso, a estética do espaço privado para a rua... o evento que tem o abadá e a cordinha, quem paga fica ali e quem não paga fica do lado de fora... isso ao ar livre; se fazer uma balada privada, cercada, como algumas que rolam no Anhangabaú que são de empresas e só entra quem tiver pulseirinha, ou o evento que todo mundo é revistado e fica cercado e confinado ali, né? Então são eventos que você começa a perceber que é um uso do espaço público com a mentalidade do espaço privado, né?

Mari: Quando você vai para um lugar, você meio que faz um projeto de para onde você vai direcionar?

Chico: Para onde eu vou... É! O meu projeto é bem simples, eu vou para onde eu me sinta bem vindo e onde haja necessidade de música. Isso é um feeling talvez, né? Parece pretensão da minha parte...

Mari: A escolha é mais sensível?

Chico: Ela é sensível. Eu começo com a caixa andando na República, eu ligo o som... andando, ok, eu posso circular porque o som aí é efêmero, até a pessoa se sentir incomodada eu já fui, né? eu tô lá do outro lado. Mas eu... o parar no local depende de uma resposta que eu recebo das pessoas, né? Como... Eu vou para a praça Pôr do Sol, a praça Pôr do Sol existe uma playlist e estilos de música que as pessoas esperam ouvir ali no coletivo, né? em consenso, e outras que não combinam muito com a praça Pôr do Sol, né? Um heavy metal às 18h da tarde... pode combinar com algumas pessoas, mas a maioria não quer ouvir, a maioria quer um som slow, né? de vários ritmos, pode ser um new age, sei lá... um Dub, uma música clássica, pode ser um jazz, um chorinho, uma bossa nova... mas ali querem uma coisa slow. Então eu sei, eu sinto essa necessidade

PH: você falou Chico, você falou antes: 'Eu vou em um local onde eu sinto necessidade de música'. O que é para você um local que tenha necessidade de música?

Chico: É porque tem locais que as pessoas estão fazendo outras coisas e que a música vai incomodá-las, né? Então se eu vejo que tem uma quantidade de pessoas lendo na frente da biblioteca, ali que tem as mesinhas, eu não vou parar com áudio se eu sei que tem pessoas

que querem se concentrar sem música ali, né? se você vai para um outro lugar... eu digo outras necessidades que não o som naquele momento; tá rolando alguma outra coisa que as pessoas precisam mais falar do que ouvir música, precisam mais... né? às vezes um protesto, sei lá, alguém fazendo uma aula pública... não vou parar ali com a caixa, ali não é necessidade de áudio, de música, é necessidade de outra forma. E outros em relação ao ritmo, né? e a devolutiva das pessoas mesmo. Você está num e você liga a caixa, um monte de gente levanta e está indo embora, a música ali está mais incomodando do que agregando. Agora se eu ligo a caixa e as pessoas estão vindo em direção, é uma necessidade de som ali, coletivo que é explícito, as pessoas estão vindo em direção. É mais ou menos isso.

PH: Então não é uma coisa muito planejada

Chico: Não é planejado!

PH: É uma coisa que você para, vê como é...?

Chico: Eu paro, vejo como é

Mari: Você sai da sua casa e pensa 'vou para o centro de São Paulo', tô afim de tocar?

Chico: A maioria dos... Agora vou ser sincero, a maioria dos lugares que eu vou são os mesmos, tá? Porque, é óbvio, como todo ser humano... Eu sou taurino, dizem que taurino é confortável! né? Não gosta muito de quebrar a rotina. Então mais por uma questão de rotina, há muitos lugares onde eu fiz muitos amigos, então eu vou nesses lugares porque eu sinto a necessidade de estar lá. Então, por exemplo, praça Pôr do Sol que eu citei, Vale do Anhangabaú, a escadaria do Teatro Municipal que tem o pessoal do rap, o Masp, o vão livre do masp... eu acho legal... aqui na praça Roosevelt quando a pm não pede meu rg, aqui! Então... ou andando no elevador no final de semana, são lugares que eu gosto de ir assim, sabe? mas, é... se me convidarem, amanhã eu tô com a caixa lá no Capão Redondo, num evento lá na favela da portelinha, me chamaram e eu falei: 'eu vou!', fui ano passado e agora vou de novo, mesmo evento; então, é onde me chamarem também, sabe?

Mari: Você estava falando do tipo de som com o espaço que você vai, aqui na região Roosevelt/Minhocão, qual o tipo de música que cola mais?

Chico: Ah! Aqui a gente está num lugar meio hipster, né? Mais cult, né? Todo mundo gosta de ritmos bem sofisticados tecnicamente falando, então rola do jazz a música eletrônica, da música brasileira ao forró, da música latina. Eu gosto muito de trip hop como beat, mas esse trip hop eu uso como base; trip hop assim, um beat slow com alguma outra coisa. Então o meu pen drive coringa para a região inteira é esse daí. Então é um som tipo Massive Attack, é um som que é um Portishead, mas é um beat, dá pra dançar e dá pra conversar e dá para...

Mari: Você só toca em espaço público ou você toca em lugares privados?

Chico: Então, depois que começou a rolar essa exposição toda, por causa do Buraco da Minhoca que eu comecei a ser convidado por diversas pessoas de 'n' tipos de ramos, a participar, a fazer alguma coisa ou por convite como voluntário ou com cachê: 'você vai lá e faz'. Eu comecei com a prefeitura, por exemplo, com o pessoal da Casa Rodante ali da Cracolândia, que vai desde o projeto Braços Abertos... É Braços Abertos, né, gente? Às vezes dá um branco. Algumas vezes eu fui convidado para discotecar, mas não com a caixa, levar a playlist para o equipamento, né? padrão dj na rua. Fui, fiz SP na rua, um traslado que eu ia de um local para o outro com uma galera que ia de um palco para o outro com a caixa,

mas o projeto era lounge banheirão químico, para animar a galera que estava no banheiro químico. Você sai as vezes do palco e fica 'ah, galera! vai logo! Quero voltar logo pro rolê.

PH: Isso aconteceu esse ano?

Chico: Aconteceu ano passado, aí boleei um projeto pra fazer esse lounge e o traslado da galera de um palco para o outro, e aí fiz. Fiz um restaurante de um chef renomado aí, lá em Pinheiros. Começou a me chamar para fazer eventos com ele pro som do restaurante dele e artistas plásticos aí começaram a me chamar pra fazer o som, falaram: 'Chico! Vamos fazer uma exposição coletiva, é um projeto bem legal chamado [27:30] AP? Galeria, é as meninas do In Loco, galerias assim, muito legais. A Katia Lombardo e a Simone Sapienza que são umas fofas... a Katia fotografa, a Simone fez a capa do cd da Madonna, e os grafiteiros, o povo de stencio gigante, artistas plásticos... e falei: 'nossa! que demais! eu vou!' Aí levei a caixa e fiquei fazendo um som dentro do espaço e agora vai ser a terceira edição que eu estou com eles. Esse ano vai ser na Vila Madalena, na casa de uma artista plástica que eu não vou saber o nome, não vou conseguir lembrar agora, mas depois eu mando pra vocês. Vai ser um evento de três dias, agora no final de Novembro. E lá conheci o Ozi, um pai do grafite aqui em São Paulo, é referência dos Gêmeos, é um dos primeiros grafiteiros a ser alçado à categoria de artista visual; o primeiro grafiteiro a ser tirado da marginalidade e colocado na posição de artista, entre aspas. E aí o cara muito foda me chamou para fazer o vernissage de uma exposição dele, a galera do MIS me chamou também para ir lá fazer e foi chamando.

PH: Como é que você chegou no Buraco?

Chico: O Buraco é uma história que também é o acaso do acaso... o Buraco começa com a coisa de eu andar com a caixa que já é o acaso, né? e o Buraco, eu fazia esse trajeto aqui, República-Paulista, e uma vez, em um sábado, eu estava decendo com a caixa, e o pessoal do Parque Augusta, os ativistas do Parque Augusta eles iam fazer um protesto na frente do parque já fechado e miou o som, ninguém apareceu com o som e os caras disseram: 'ah! fica aqui com a gente, que legal e tal', fiquei e fiz amizades. Todos os protestos do parque eu ficava com eles lá, alguns viravam horas e horas e horas, outros à noite eu fiquei e aí no dia que teve... Não sei se vocês lembram, nos primeiros protestos 'Não vai ter copa', que um galera foi presa aqui num hotel na Augusta, e tudo mais... queimaram um carro com a família dentro, teve todo um 'uau', eu estava com o pessoal do Parque Augusta, a gente saiu da Paulista e eu com a caixa de som no meio do protesto com eles, e aí quando começou o confronto com a polícia eu dispersei e falei: 'uau, que chatol' e parei aqui na praça Roosevelt com a caixa; aí o pessoal veio com informações de que o pessoal ativista do parque havia sido preso junto com outra galera do 'Não vai ter copa'; ficou aquele clima pesado, e eu falei: 'galera, vamos ouvir música brasileira'. Quando chegou a noite, a polícia, a gcm disse: 'olha, já são 21h, aqui é uma área residencial, aquela questão lá dos conflitos, dos horários, das leis e tudo mais, então, vocês podem desligar, por favor?' e então a galera que estava comigo falaram: 'espera eles virarem as costas e então aumenta, a gente sempre fica aqui a madrugada' e eu falei 'meu... eu não quero criar conflito com a gcm, cara...vai cortar minha vibe, vamos achar um lugar que não incomode ninguém. Já que não incomode moradores, e estou com a caixa, vai durar mais umas 10 horas de bateria, vamos lá'. Aí o Paulo, careca que é um amigo aí do parque, ele olhou e falou assim: 'ó, o túnel ta fechado', só que a galera deu risada e falou: 'não, vamos ficar aqui', eu parei e falei: 'é mesmo, é um túnel lá embaixo, não tem ninguém, não vai incomodar aqui em cima, ele é confinado ali'. Saí com a

caixa e o pessoal foi atrás; quando entramos no túnel foi muito interessante porque na entrada do túnel tem um trequinho inicial de uma iluminação anti morador de rua muito forte, parece que você está dentro de uma nave espacial ali, com aquela iluminação forte, e o pessoal não queria ficar ali, disseram: 'não, vamos para o escuro!', é aquele feeling da casa noturna, né? do espaço fechado e escuro. E eu não, eu estava pensando que estava com a minha câmera, e essa luz é tudo o que há para um fotógrafo! vamos tirar umas fotos. E eu não me liguei que como eu sou o dono da bola, eu estou com a caixa de som de baixo da luz, todo mundo fala: 'ah, então ok, vamos ficar debaixo da luz' Eu não me liguei que estar debaixo da luz, todos os órfãos dos rolês da Augusta que desciam da Augusta e passavam na frente, viam um grupo de gente dançando, debaixo da luz, mas como a caixa estava virada para dentro, dançando sem áudio, então deve ter tido uma imagem assim... e alguns amigos, inclusive um grande amigo, que eu fiz através do Buraco da Minhoca, disse: 'Meu, na hora que eu olhei vocês... o que esses doidos estão fazendo dentro do túnel?'... Então a galera começou a descer e entrar, entrar, entrar. começou a juntar gente e o mais louco é que pela primeira vez que eu tive num role na Augusta que tinha uma galera heavy metal, uns moleques heavy metal, com uma galera mpb com uns instrumentos bem roots assim, e tinha a galera do android's andrógenos, que tem um visual todo meio indie, folk, moderno, estiloso, e a retrô e um povo de rua, a galera da rua e falei: 'nossa, mano! que mistura louca isso, e todo mundo interagindo, um pessoal com o violão e outro com carron, e o outro no pandeiro junto com beat, outro com apito... nossa, cara! isso tá a maior celebração muito louca. E ficou a noite inteira. Chegou de manhã o pessoal falou: 'olha, a gente tá indo embora mas tem que voltar semana que vem', aí eu falei: 'ó, vou criar um evento no facebook, e a gente volta. Daí eu voltei pra casa, né? e falei: 'meu, como que eu vou criar? Que evento? como vai ser e tal?'. Nessa época...confesso, eu estava assistindo muito Discovery History, nessa fase de canais de coisas curiosas, e passava aquele programa 'O Universo', e no Universo eu lembro que tinha um episódio falando sobre os buracos de minhoca, teoria das cordas, sabe essas coisas da física quântica? e aí surgiu, assim... eu falei: 'Nossa, mano! o minhocão, ali é um tunel...buraco...buraco do minhocão, Buraco da Minhoca, né?' e casou, né? isso eu estava no trem para Carapicuíba, voltando para casa, né? e eu pensando, ali foi uma outra dimensão, a gente re-criou um espaço ao acaso, só pela necessidade de convívio. Olha que louco isso, né? Isso foi um fenômeno que não foi um projeto de um coletivo... isso foi uma coisa orgânica e espontânea, assim, não foi só eu, foi alguém que falou para ir para o túnel, e a outra que falou: 'vamos voltar depois', e o outro que..É isso!

Mari: A página do facebook do Buraco da Minhoca, coloca que o Buraco da Minhoca é uma passagem para outra dimensão de ocupação do espaço público, né?

Chico: É... Outra dimensão

Mari: E essa dimensão talvez seja isso que você tinha falado

Chico: Meu, era um buraco, um túnel. Você imagina que era um túnel fechado pela CET pra nada, um puta espaço. Quantos espaços cobertos, públicos, para fazer qualquer coisa tem em São Paulo? Você tem lá a Praça do Patriarca, aquela estrutura lá do Paulo Mendes da Rocha, tem a Marquise do Ibirapuera, mas se o parque está fechado ela é fechada, tem o baixas do viaduto do chá que quando está chovendo o pessoal do SoundSystem e tem o baixas, que eu nunca vi alguém fazendo coisas de madrugada, ou fazendo embaixo mesmo, que é a estrutura do Minhocão. Então são pouquíssimos, e ali uma iluminação milionária, que assim, é anti morador de rua, e não vai ser mais anti morador de rua, vai ser uma

iluminação de uma casa de espetáculos na rua; só mudou a perspectiva do olhar, né? de olhar aquela estrutura. E aí, foi isso, tava lá parada, né? Não servia pra nada.

PH: No caso, a festa ali, o Buraco da Minhoca [...]

Chico: Desculpa te cortar, servia sim! não era 'não servia para nada.' Muitos moradores de rua usam, usavam como moradia, né? justamente por não ter locais para poder ficar embaixo, na chuva, túneis já são utilizados. Então já servia como moradia, não 'não servia para nada'.

PH: Então deixa eu mudar. Você falou do morador, como era a relação de vocês?

Chico: No primeiro dia quando entramos lá, houve uma preocupação do pessoal do Parque Augusta, umas duas pessoas chegaram e falaram assim 'vamos conversar com aquele pessoa que está lá no fundo?' e aí fomos conversar, na real convidá-los a estar ali conosco; e de imediato, né, gente? morador de rua tem uma necessidade, eu falo já com esses 3 anos e pouco de experiência com a caixa, tem uma necessidade da musica muito grande, porque a música, não só ela serve para o convívio com o morador de rua, mas ela é terapêutica. Ela tira, não... tem muito, principalmente alcoólicos, esquizofrênicos, a caixa de música é como um ritual de purificação, de des-stress, porque incrível quando eu estou parado em algum local que tem uma grande concentração de moradores de rua, é a galera que mais vai estar lá do lado no tempo que a caixa estiver lá ligada.

PH: É difícil de terem acesso a música, né?

Chico: É isso! Por isso! Porque quando eles têm (...)

Mari: A música virou algo privado

Chico: É algo privado! Às vezes até bandas e pessoas que tem mentalidade de espaço privado, porque querem que pessoas x estejam em volta daquele som, por questões estéticas e visuais, não querem que aquelas pessoas estejam ali, então enxotam mesmo. Mas é isso que vocês falaram aí, tem a necessidade... não tem acesso. Os eventos públicos, nem todos conseguem estar (...) a não ser que seja esses de mega palco, mas nem todos têm, e a gente tem vontade de ouvir música todo dia, né, gente? Todo mundo ouve música no fone de ouvido toda hora; então se a gente tem essa necessidade, imagina morador de rua, né? A música é necessária.

Mari: Como eram organizadas as festas no Buraco?

Chico: Ah! era ao acaso, nunca era... O Buraco nunca teve uma organização...nem de coletivo, eu acho que posso te dizer..

Mari: O pessoal ia chegando...

Chico: É! É basicamente...

Mari: Teve uma época que era quase um grande sarau, na verdade...

Chico: O sarau era um evento idealizado pelo Maíke Nuclear, que é um grande, também... um ícone de coisas urbanas da cidade; há muito tempo o cara cola lambs, e é poeta, músico e tal... e ele junto com as meninas do coletivo de [Jo Pará ? 38:50], que é, já aqui na reunião... são conhecidas, por fazer... há muitos anos tem uma banda chamada Exú do Rau, e a festa das Vacas das Galáxias, que é um dos primeiros eventos de ruas aqui da Praça Roosevelt, né? E eles idealizaram o sarau, um evento do sarau dentro do Buraco da Minhoca já chamado dessa maneira. E são meus amigos! Então eu ia junto como convidado. Levava a caixa, amplificava, levava a máquina para tirar umas fotos pra eles, pra pôr na página do Buraco e tal, mas era um evento específico.

Mari: Tinha alguma característica que era principal, assim... vocês iam para o Buraco, sempre tinha muita gente..

Chico: Não! é muito relativo. Muita gente teve até a repressão policial começar para valer, porque aí esse muita gente fica com medo e não quer ficar sofrendo nada na repressão policial. Então aí...até esse momento... no começo era umas 50, 100 pessoas; isso nas primeiras semanas e primeiros dois meses. Quando houve o boom midiático aí...aí...as festas tinham mil, cinco mil, era a noite inteira rolando. Quando a polícia começou a fazer o cerco foi caindo, caindo até limitar-se ao sarau e o final, o 'gran finale' com o portão: 'não queremos mais ninguém ali dentro'.

PH: Ou seja, começou com vocês fugindo de uma repressão e acabou em uma repressão

Chico: Acabou numa repressão!

PH: São Paulo!

Chico: São Paulo!

Mas como os Buraco's de Minhoca levam para outros lugares, a caixa é andarilha, saiu de lá e está indo para outros lugares e talvez volte para aqui de novo, e vá para lá...

PH: Mas vocês não se fixaram ainda?

Chico: então, no caso do Buraco da Minhoca, agora, falando sério, é... o que acontece, é que, houve um movimento que vocês conhecem, que é um movimento geral, de conservadores na praça... de moradores que são muito conservadores, que têm esse medo do convívio com o diferente, eles começaram a achar que skatista na praça era...skatista na praça incomodava, que o jovem que usa machonha incomoda, mas também que o jovem que produz música incomoda, que o jovem... e esse movimento foi crescendo politicamente, não na mesma proporção que as pessoas que queriam ficar na praça... Então, os dois lados, o lado de quem queria conviver na praça e o lado de quem quer essa praça cercada, vigiada, policiada, que seja uma extensão do prédio... é, essas duas...esses dois conflitos foi crescendo, até que os atores políticos desse conflito não atuaram da mesma maneira, então a galera dos prédios mínima - fala assim: 'a galera dos prédios' parece que é todo mundo, mas não é - 2% dos moradores, muito articulados, começaram a se instrumentalizar através do poder público pra tomar as rédeas da praça, né? Essa é a verdade. Então, uma liderança moradora da região elegeu-se aí no Conselho Gestor da Praça...criou uma página de patrulhamento da praça no facebook, aí de lá ela começou a frequentar as reuniões do Conseg, aí no consegue ela foi eleita como representante civil da sociedade dos moradores, aí...criou uma página de associação dos moradores da região, sendo que já tinha uma outra e a outra não contemplava os desejos dela, então ela fala publicamente em nome de todos os moradores com essa nova associação que essas pessoas criaram... e aí, batendo na porta da subprefeitura toda hora para encher o saco do subprefeito, e os bracinhos no Ministério Público, os amigos por aqui, acolá, é assim. No Ministério Público conseguiram o portão pra fechar ali, né? No Conseg articularam para trazer a polícia militar, isso foi uma articulação dentro do Conseg, trouxe...sendo que já havia a Guarda Civil, né? E aí, politicamente, agora eles querem cercar a praça, através dos braços políticos da nova gestão, querem cercar...com horário de funcionamento, tal...

Mari: É! Está em discussão (...)

Chico: Ah! isso daqui foi uma grande discussão, né? A gente está, para quem está nos ouvindo, a gente tá aqui num pedaço da Praça Roosevelt que tem uma estrutura, que desde quando ela foi inaugurada, que são edificações de vidro, essas edificações nunca foram ocupadas por nada, elas vinham junto com a reurbanização da Praça Roosevelt, mas

nunca foi dado um destino pra essa estrutura; ela ficou vazia, desocupada, agora ela arrendada...arrendada não, é perigoso falar assim, que meu amigo que eu estava ali conversando, é um dos (...). Ela virou um espaço privado...uma PPP, é isso? Parceria público privada, então estamos num café, né? que tem, pra tomar o café tem que comprar lá dentro da praça, e tamo sentado no mobiliário do café na praça pública.

PH: Voltando ao que você estava falando sobre os moradores. Como foi... qual é a reação de vocês pra combater isso? Porque, pelo o que eu entendi, vocês não nasceram de uma pauta, né? Foi se criando [...]

Chico: Não nascemos de uma pauta

PH: [...] um movimento a partir disso. Então como é que foi (...) o que é que vocês fizeram?

Chico: Não houve uma articulação... Houve muita indignação, muito 'xingar muito no twitter', mas não teve uma articulação política na mesma proporção da repressão. Então, alguns grupos...

Mari: Vocês não chegaram a se articular de nenhuma maneira com o poder público, assim?

Chico: Chegamos, quando dos primeiros conflitos com os moradores, sim! Nós fomos até a subprefeitura conversar com o Alcides Amazonas, teve reunião com o capitão da PM aqui na Praça pra estudar formas de utilizar o Buraco da Minhoca pautado pelo decreto de artista de rua, pela constituição, por 'n' legislações que favorecem a permanência na rua. Quando a gente conseguiu os avanços através desse diálogo com o poder público, em contrapartida os avanços de quem era contra foram muito maiores e contundentes do que essa articulação. Então, eu, por exemplo, vou falar pessoalmente, eu não quis me envolver publicamente com esses moradores porque eu já tinha virado um personagem apontável nessa história, enquanto as outras eram todas pessoas gerais, e eu não. Eu ia para imprensa falar sobre o Buraco da Minhoca, eu ia lá lá lá, então essa toda me personificou ao ponto de nas reuniões do Conseg meu nome ser citado como baderneiro, agitador político, 'temos que acabar com essa pessoa que ele tá trazendo as drogas e a prostituição e a orgia e as coisas para a praça'; então não quis lidar com isso com o meu nome envolvido, sabe? Eu moro com o meu pai que tem 86 anos, cuido dele, da minha mãe, esse enfrentamento ativista assim, meio Joana D'arc, não era um interesse meu até porque como eu disse, a caixa vai para onde eu me sinto bem vindo mesmo na época do Buraco da Minhoca, eu sabia, eu vinha para o Buraco da Minhoca, mas eu continuava andando pela cidade, então eu não quis assumir isso como uma luta política, né? De estar lá, encabeçando isso aí. E outras pessoas ainda estão fazendo isso, né? O pessoal da Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria de Cultura, outros coletivos da praça pessoal da Vaca das Galáxias, coletivo de Opará tá sempre aí tentando fazer a festa deles na rua, mesmo com a polícia ou não... pessoal dos teatros, né? Os frequentadores em geral, músicos e artistas de rua, sempre tão... né? bravamente resistindo a essa repressão toda como pode. Muita gente veio a reunião na igreja falando sobre cercar a praça, alguns tentaram ir ao Conseg mas é intragável ficar lá dentro porque é uma reunião de uma só voz, né? No Conseg, as pessoas não sabem, mas a gente não teve...os militares que aprontaram muito na época da ditadura, eles não foram... eles não saíram daqui, eles se aposentaram e moram aqui. O que muitos fizeram? Estão lá no Conseg, é o clube do bolinha. Então imagina uma galera com mentalidade de ditadura militar ditando o Conselho de Segurança da Região? Então você vai lá e ouve coisas do arco da velha, assim...

Jaime: É que o Centro tem essa particularidade, tem muita gente que mora, que morou aqui quando isso era muito mais valorizado, e aí teve todo um movimento de saída do Centro, e tem o retorno ao Centro e a reação

Chico: Tem a reação...? 'vamos recuperar o Centro'. O projeto Nova Luz é isso, né? Entre outros, e o projeto, esses projetos dessas construtoras de requalificação urbana, né? Vamos dar um up...

Jaime: Re-urbanização, né? que é perigosíssimo.

Chico: Re-urbanização. Agora, o grande barato são os Studios voltados para os solteiros homossexuais, estudantes universitários. Meu, tem um ali que é 26, 27 m², tipo 600 mil reais, 700 mil reais um studio desses, e tem gente que compra, vai vender tudo, com certeza, porque a galera quer morar no centro com outra idéia de

Mari: Uma nova imagem de Centro [...] é esse lugar hipster [...]

Chico: Meu eu tenho muitos amigos que eu gosto bastante que eles são completamente a favor do projeto Nova Luz e 'ah, tem que derrubar tudo, porque tá decadente. Tem que tirar os moradores das ocupações, aquilo ali tem que valorizar, tem que ser tudo isso daqui!'

Jaime: Tem gente que entende a cidade de um jeito muito (...)

Chico: É uma outra ideia! Uma ideia romântica de que você vai recuperar pessoas (...) recuperar entre aspas, né? Você vai trazer pessoas, vai transformar, educar o morador de rua a ser um estudante universitário dessa maneira, né? fazendo um mobiliário lindo (...)

Jaime: Uma magia, né?

Chico: Uma magia acontece num projeto desse. fazer o que?

PH: A cidade é pra quem?

Mari: No espaço do Buraco da Minhoca está fechado agora talvez tenha alguma relação com esse significado, né? de requalificação, de (...)

Chico: É! É, agora nem a sopa mais é servida para os moradores de rua que rolavam todo domingo ali, né? qualquer coisa, né (...) morador de rua ainda fica ali, vai por trás, dorme.

Mari: Ficou perigoso passar por ali

Chico: Claro!

Mari: Às discussões ainda com aquele projeto de lei para ocupar o Buraco da Minhoca, continuou mesmo depois que ele foi fechado?

Chico: Desculpa, não entendi.

Mari: Aquele projeto de lei que você estava falando que tinha uma articulação com alguns vereadores e secretarias para fazer uma forma de ocupação, legalizar a ocupação do espaço

Chico: É... A legislação que existe já contempla o uso dali. Não tem nada que fale que você não possa ficar debaixo de um túnel...

PH: Desativado.

Chico: Desativado! Tanto que o argumento da... Nós fomos conversar lá com o Subprefeito, aí o que eles quiseram usar. 'Ó', é o seguinte, o argumento deles técnico era assim: 'Não, o que vocês estão querendo fazer lá não é mais o artista de rua, é um evento e o evento tem que passar pelo Segur 3 que é a Secretaria de Licenciamento. Para passar pelo tem um checklist de coisas para um evento rolar na rua, então é o mesmo argumento que fizeram para barrar as pessoas de estarem em cima do elevado

Mari: No carnaval, né?

Chico: Que é: o gradil tem que ter tanto de altura, o túnel não tem saída, rotas de saída desobstruídas. Até um arquiteto que estava conosco, amigo nosso, falecido inclusive, um amigo falecido, ele falou lá, falou: 'gente, me apontem uma estrutura cultural na cidade que tenha uma entrada e uma saída maior do que aquela entrada e saída do túnel. Se não for uma Love Parade em Berlim em que todo mundo vai se pisotear porque tá todo mundo imprensado lá dentro, um sarau não vai derrubar as paredes do túnel e as pessoas podem sair correndo para frente e para trás que elas vão sair do espaço.' Então isso não é, é mais uma questão burocrática, né?

PH: Tecnocrática

Chico: Tecnocrata! Para poder barrar isso, é um instrumento que o pessoal que é conservador vai usar, né? É o fundamentalismo em cima da Lei, vai usar a interpretação de uma lei a seu favor. Por exemplo, a gente agora, a polícia vem pedir o RG pautada por uma legislação da época da ditadura Vargas, né? Que é a perturbação do sossego, da ordem, sossego, né? Se você ver o texto da lei, é uma frase que é tipo isso: 'qualquer pessoa que se sinta perturbado lá lá, ponto.' Aí não especifica como é essa relação, quem se sente perturbado; é tão relativo, né? Claro que se eu estiver na minha casa e eu gostar de rock e a pessoa não gostar de rock, é uma perturbação da ordem. Agora, sei lá, uma missa para quem é anticristão, não gosta do cristianismo, uma procissão passando é perturbação da ordem, do sossego.

Jaime: A festa junina

Chico: A festa junina é relativa. Mas os caras usaram isso, então hoje, na praça, a polícia pede para as pessoas baixarem o som porque a perturbação do sossego é federal, né? O decreto do artista de rua é municipal; na perturbação do sossego não tem horário, não tem decibéis, não tem nada. É esse relativo de quem está se sentindo perturbado que vai ligar para a polícia. Então eu até brinco hoje em dia, que eu falo que apareceu essa liderança da região falando com aquele menino do MBL lá, o Holiday, aí tem uma foto da pessoa abraçada com ele falando que estavam discutindo ações para praça, né? Aí eu falei: entendi que são ações para esse tipo de jovem que quer para a praça. Mas se nós, que somos o outro tipo de jovem, vamos pegar o fio da polarização de ideias, se eu sou o outro tipo de jovem e me sentir perturbado pelo evento dela e dos moradores e do rapaz, eu também posso ligar para a polícia e alegar perturbação ao sossego e ordem; eu brinquei lá no post, por que é isso, né? Os eventos, a galinhada do chef que teve aqui, a virada cultural. A galinhada do chef, se você pegar a trajetória da praça Roosevelt nas viradas culturais é isso, né? Havia eventos de música, entretenimento, performance, teatro, lá lá lá; no outro ano foi proibido, virou viradinha para criança, já com interferência do "o que a gente quer para a praça?" e esse ano que passou não teve nada para criança e nem nada para ninguém, era só gastronômico. E com a praça cercada sabe lá como vai ser. Gestão Dória vai fazer (...) eu imagino

PH: Boni

Chico: com o Boni vai ter assim, níveis de uso do espaço público, né? Então assim, a Virada Cultural quem tem pulseirinha fica perto do palco, quem não tem fica pra cá; morador de rua lá no final do rolê.

PH: Bota um telão pra todo mundo poder ver, para ser bem demorático

Chico: É...

Mari: Como você vê o espaço do Minhocão e o entorno dele em relação a música e arte urbana, que é o que temos trabalhado sobre o espaço de produção (...)

Chico: Eu acho que todo mundo... é fatal, descarado como desde sempre as pessoas querem dar um outro sentido pro Minhocão porquê ele é, a concepção dele é desastrosa. Então desde sempre as intervenções visuais, as intervenções... Eu tive num evento muito legal há uns anos de uma amiga chamada Luana Geiger que é uma arquiteta que fez o mestrado ou doutorado, não sei qual com piscinão no Minhocão, foi demais! né? Fazer uma praia em cima. Então o que fazer com essa estrutura que a gente sabe que é uma estrutura que chamam de cicatriz; é um rodoviarismo aliado a N coisas, né? Fazendo essa trajetória, passando na frente dos apartamentos, é tipo, hoje a gente vive o morador, o espaço privado dentro da casa, do condomínio, está em primeiro lugar, em segundo vem o carro, né? Quando fizeram o Minhocão não, era o carro ainda sobre os moradores, sobre todo mundo, né? Então você vê todo mundo... todo mundo sempre quis dar, então a arte enquanto ressignificação releitura; a arte, as expressões, expressar o que você pensa sobre aquela estrutura é desde sempre, né? desde a concepção. A música vai no pacote, né? Eu acho. Tem a questão da propagação do som ali que é muito... mas ali é um lugar que é engraçado, tem as interações dos moradores na janela, o dentro e o fora; ali tem histórias, muitas histórias o elevado. Eu quando era bem jovemzinho, tinha 12 anos, eu andava de bike, ele fechava e eu falava: 'mãe, vou dar um role de bike ali', eu subia ali no elevado e as primeiras experiências homoafetivas, homoeróticas aliás, foram ali, porque ali, casais trepavam dentro dos quartos de alguns hotéis com a janela aberta e a galera ficava batendo punheta, grupinhos ficavam ali. Eu olhei, a primeira vez que eu vi o sexo proximo foi ali, né? Então tem tanto assunto para tratar desse elevado, né? Proibidos ali embaixo com a Andreia de Maio, o clamor mafioso da marginalidade travesti, dos traficantes, bixeza, a coisa do submundo do underground, ali tem assunto pra mais de metro.

Mari: Você frequentava bastante aquele espaço?

Chico: Mais quando criança e pré adolescente bike, nesse esquema que eu te falei. Por baixo eu me abrigava da chuva durante o dia, para fazer roles que tinha que ir até a Santa Cecília.

Mari: Você chegou a frequentar ali as baladas que tinham?

Chico: Sim, eventos. Mercados das Pulgas, Vudu Hop, os coletivos que estavam começando a ir pra lá... sim. Carnaval, em cima e embaixo, Virada Cultural, todos esses rolês. Mas que também é muito recente, isso tudo, né? Muito recente... todos nós participamos já.

Mari: E como você vê o futuro do minhocão entre tantos projetos que se falam?

Chico: Agora tem coisa já de um prazo para dar um destino, né? Não sei como é que tá, mas tá nisso, né?

Mari: É, no plano diretor

Chico: É, no plano diretor. Tem 20 anos, 10 anos?

Mari: Não tem um prazo específico, mas do jeito que tá não vai ficar.

Chico: Aí tem a associação do parque Minhocão junto com um braço da galera que já se reuniram com o braço dos moradores dali pra tentar também falar 'não queremos que a estrutura seja preservada, né? Eu não sei, meu, eu acho que com a próxima gestão tudo é, tudo será possível. De repente tudo será vendido para uma empresa, vão tentar fazer um high park, né?

Jaime: Um high line

Chico: Um high line, fazer um projac, um mirante Minhocão, algo assim.

Jaime: Uma dúvida que não sei se é... Porque Xaninha? É Xana ou Xaninha?

Chico: É Xana. Isso é também muito... ingênuo até, porque é coisa de casar um nome com a mesma letra, porque a primeira caixa era Ximbica, eu dei um nome para um objeto qualquer. Quando a Ximbica se oxidou, de tanto andar na rua, eu levava ela pra praia e tal e ela se oxidou, e a outra eu queria com X.

Jaime: Eu sei como é, eu tenho 8 calopsitas tudo com P.

Chico: Com P? É isso! mas alguns amigos, alguns amigos vou falar, alguns amigos mais cabeçudos, aí entra num lado Freudiano... É a tua Xana, a Xana que você não tem, essas coisas.

Jaime: A fertilização do espaço público.

Chico: É! a fertilização do espaço público. Pariu, né? Um novo espaço.

Mari: queria te mostrar um pouco do eixo de arte urbana que a gente tem mapeado, né? A metodologia que a gente usa tem a questão de trabalhar com um território específico. Então com relação a arte urbana a tem esse território que a gente considera como referências culturais, os espaços que o Minhocão também gerou. Então o baixo Minhocão como um lugar de apropriação tanto da arte urbana quanto de outros movimentos também, as empenas cegas também como lugares e agora também além do grafite, da questão do pixo, o pessoal tá fazendo esses jardins verticais, também como essas coisas podem tencionar o uso do espaço com relação a arte, né? Daí como expressão a gente colocou Arte de Rua, mas acho que é uma coisa que temos que rever porque a categoria de expressão diz mais respeito dentro, dentro da metodologia, a forma de comunicação; não necessariamente a forma de expressão, né? Então colocar os lambes, o próprio grafite e o pixo como tipos de códigos que dizem respeito a determinadas identidades, nesse sentido. Alguns lugares que também são interessantes, o Matilha Cultural, como um lugar pra agregar pessoas, fazer exposições, discutir essas questões relacionadas à arte, ou ação educativa que venha com ação já dentro do espaço, como os projetos de periferia no centro, de trazer movimentos culturais também para esses espaços da periferia um ponto de encontro; o Festival do Arte Centro, que mesmo que não tenha mais edições do festival a gente acredita que foi um dos primeiros movimentos de chamar as pessoas para ocupar esse espaço e de aceitar qualquer tipo de expressão artística para as pessoas se apresentarem. O pixo como um saber, um saber específico de técnica de como você vai subir um prédio ou da profissão, do spray, de estar na ilegalidade, de sair correndo.

Chico: Super adoro! tenho muitos amigos, conhecidos

Mari: E a gente entrou numa discussão porque o Pixo pra gente era muito mais essa coisa. Como é ilegal a pratica, mas o proprio ato acaba aproximando também com a questão do grafite, né? Você vai fazer um grafite, as coisas são muito próximas. Então também tem um certo saber específico que está relacionado a isso. E quando a gente mostra esse mapa, a gente sempre mostra no final das entrevistas também para saber o que as pessoas acham dessas referências, a gente acaba estruturando um pouco as nossas conversas a partir delas, mas o que surgiu e o que a gente acabou no início não colocando é a própria praça Roosevelt como um lugar; aí muitas pessoas colocando mais como um lugar de encontro das pessoas, como um lugar que possibilita outros usos também, como por exemplo o uso do Buraco da Minhoca, ocupar esse espaço, vir aqui e fazer uma festa. De certa forma, a minha interpretação como um lugar de chegada do Minhocão, né? Essa vista também, daqui

olhando pra lá tem uma perspectiva interessante, né? Uma escola de Teatro que tem aqui perto, o pessoal do Esparrama pela Janela, como expressão, né? Que faz peças de teatro exclusivo para esse espaço do Minhocão. É isso, só apresentar para você o caminho que a gente tá, o pessoal do eixo de cultura LGBT está com o mapa concentrado no Largo do Arouche, né?

Jaime: É, tem, mas... Uma loucura, muita coisa que aparece aí. Especialização, o aplicativo muda toda essa dinâmica.

Chico: Ali é um mundo, né?

Carlos: Um universo

Jaime: Você falou que já frequentou o Banheirão

Chico: Já!

Jaime: O da República e o do Arouche?

Chico: O da República era o que eu mais utilizava, o do Arouche nem tanto.

Jaime: Como você conheceu?

Chico: De passagem. De passar, você entra no banheiro porque ele é público e ali você percebe que existe a pegação, né? Aliás, antes dos adventos dos aplicativos e da internet, o que nos restava? Vamos começar, era por aí, era banca de jornal, aquelas revistas que você nem comprava as gays. Você ia na Brasil porque sabia que ia ver um pinto, mas só na seção de classificados, todas elas eram com tarjas, aí você ia lá meio no final da tarde, que não ia ter nenhum vizinho por perto, no tiozinho comprar; parques públicos, né? Parque da Luz, Parque da Água Branca, Ibirapuera, esses rolês e o Elevado, né? que eu já comentei, e era isso. Isso antes da maioridade. Depois da maioridade as boates, os cinemas e as saunas, apesar de que sauna eu nunca curti muito. Mas o banheiro e os estabelecimentos como Mesbla e antigo Mappin eram assim, a referência, já tinha nos guias. Uma vez eu vi num guia impresso, assim, já na banca, já tinha um guia com banheiros de rodoviária, de estação.

Jaime: Mas você falou que frequentava quando era menor de idade. Tinha muita gente nessa faixa? Quem ia?

Chico: Tinha pessoas da minha idade, né? Estudantes, com uniforme de escola, assim; saia da escola e ía, como terno e gravata de adulto, velhão, tiozão, né? É o geral do espaço público, todos se encontravam. Não era se encontravam porque, tirando o cinema, o cinemas pornográficos a galera ia meio, uma parte para a questão do descarrego sexual, mas uma também era ali as que não iam para a boate e iam pro cinema para se relacionar, arrumar um namorado no cinema pornô. Vi muitos, muitos amigos conheceram o namorado dentro do cinema; sauna eu já não sei, como não frequentei eu não sei.

Carlos: Imagino que pelo espaço, por ter poucos espaços nessa época ocorria isso e tal. Devia ser menos segregado, devia ter uma diversificação maior, né? Todo mundo ia pra lá porque não existia muitas opções.

Chico: Não existia muitas opções, muito embora os cinemas eram segmentados. Muitos cinemas eram LGBT, assim, pessoas mais assumidas e mais ambientadas com a questão da noite, que era os assumidos, os afeminados, os seguros de si e tinha o cinema como o Palácio que era os enrustidos junto com o cara da obra, o vouyer bissexual, era tudo misturado e outros que era as travestis, os homossexuais, alguns que eram bem específicos assim.

Jaime: Você via mulheres?

Chico: Muito raramente. Algumas prostitutas que não tinham pra onde ir levavam clientes para fazer uma chupeta, algo assim, mas era muito raro porque sempre que acontecia isso, ficava aquela volta de gente, ficava meio ruim pra eles. Mulher, sempre virou, mesmo em cinema um “uau, o que ela está fazendo aqui?” então ficava aquela coisa.

Jaime: O banheiro é masculino, a princípio.

Chico: Exatamente

Jaime: Tem essa classificação. E tem alguma razão especial para você não ter ido à sauna? O que você não gosta na sauna?

Chico: Acho que a relação com o corpo, né? O pudor, sempre tive pudor de praia, e lá ficar pelado, nossa... não! E também a sauna é um lugar que você precisa, igual um clube. Você vai tem que tirar o sapato, a roupa, tem que guardar a roupa; o cinema você entrou, ficou 10 minutos, não está legal, vaza.

Carlos: Exige um planejamento.

Chico: Além da sauna ser mais cara.

Carlos: Aham.

Chico: Meu acesso, minha época de cinema dos 18 aos 20; também minha época de cinema não foi ‘uau’, né? a vida inteira, foi a descoberta pré internet. Surgiu a internet cinema já não rolava mais, porque tinha o icq, tinha o bate papo uol, depois tinha os aplicativos, smartphones, aplicativos, aí já (...)

Jaime: Então o Banheirão, o cinema está muito relacionado com o descobrimento da sua sexualidade, você acha?

Chico: Sim, como muitos homossexuais que moram ou nasceram na região central. Com certeza, para nós é o início, né? dessa geração pré internet. Eu não sei como é hoje, acho que hoje é mais uma opção, né? não é mais fundamental estar ali.

Jaime: Acho que tem algumas especificidades tipo anonimato, outras informações que o aplicativo talvez não consegue. Talvez invente outros aplicativos de sexo anônimo. É uma ideia. E aí eles depois acabaram com o banheiro.

Chico: Acabaram com o banheiro, eu não sei exatamente o que rolou (...)

Jaime: Enterraram

Chico: Mas tiraram e fizeram a creche. A creche está no local, aliás, está do lado, a estrutura tá lá atrás. Mas a creche foi... fecha o banheiro na creche.

Jaime: Tem uma demanda por banheiro público

Chico: Não tem mesmo banheiro

Jaime: Não tem banheiro público. Você acha que tem haver com isso? O poder público identifica que é um lugar de devassidão?

Chico: É, é totalmente higiênico. É higienista, aliás. Porque tem a coisa do morador de rua não tomar banho dentro do banheiro público, não se lavar no banheiro público, não haver a pegação dentro do banheiro público. O banheiro público tem um custo moral e social muito grande para essas que pensam espaço (...)

Jaime: Limpo

Chico: É! Querem limpo, porque é a lógica de espaço privado: usa o banheiro na sua casa, mas nem todo mundo tem casa; usa o banheiro no espaço privado, mas tem que pagar, quem não pode pagar não vai. Então não pensam em todo mundo, pensa, né? Sem banheiro, né? sem banheiro para quem precisa de sem banheiro.

Jaime: E aí sem o banheiro público fica essa coisa de você ter que entrar no estabelecimento privado para usar o banheiro (...)

Chico: Para usar o banheiro

Jaime: O controle é maior.

Chico: É, o controle é maior, nem todos deixam entrar. Dependendo de como você estiver vestido, você não vai entrar mesmo.

Jaime: Tem aquela chavona assim, que você tem que carregar.

Chico: Alguns tem aqueles avisos na porta: banheiro só para quem consumir, caso contrário 2 reais.

Mari: Nesse sentido de como o Banheirão era usado também, era um espaço de sociabilidade, né? Você ia encontrar, e na verdade, os desenhos de banheiro não contemplam esse uso que é espontâneo.

Chico: Na minha cabeça, como (...)

Mari: Eu estava pensando, eu sou arquiteta então eu estava pensando em um outro desenho de banheiro que não seja um banheiro pra você só ir lá fazer suas necessidades, lavar a mão e ir embora.

Jaime: Rola um layout específico para impedir.

Chico: Vocês já viram o banheiro do Mirante Nove de Julho? da vontade de ficar lá dentro com o seu drink

Jaime: Não, mas eu vou anotar aqui

Chico: Anote, vá lá e confira. Ele é Unisex, né? Tem uma estrutura dentro do viaduto, tem uma iluminação e ele é amplo, dá pra você ficar lá tranquilamente com seu drink socializando no banheiro.

Jaime: Tanto que banheiro de balada LGBT que tem dark room, rola um controle espacial, né? As cabines são mais baixinhas, tem um jeito que eles sabem que isso acontece, né? Eu não sei nem o que falar, meu, é um assunto fantasma não existe mais o banheiro, ele se diluiu. Existe em terminal, shopping.

Chico: dentro do metrô tem, do trem, e só, né? e de parques, ainda rola muito o uso de pegação em banheiros de parques.

Jaime: Acho que é isso.